

A IMPOSSIBILIDADE DE UMA “LINGUAGEM PRIVADA” NA VISÃO DE LUDWIG WITTGENSTEIN, COMBATE AO SOLIPSISMO.

Milena Paula Durante Zancanaro
Universidade Federal da Fronteira Sul
milenzancanaro@gmail.com

Eixo 07. Ciências Humanas

Resumo: O presente trabalho pretende fazer uma breve análise sobre a impossibilidade de existência de uma linguagem privada, sob a égide do filósofo Ludwig Wittgenstein (teórico estudado em Filosofia da Linguagem), o qual critica um solipsismo. As abordagens aqui, pretendem sintetizar visões que foram construídas ao longo de seu percurso investigativo, portanto, tomamos como base metodológica os estudos bibliográficos das obras de Wittgenstein (*Investigações Filosóficas* e *Tractatus Logico-Philosophicus*) como principais, tendo como apoio um texto de Silvia Faustino, sobre Wittgenstein.

Palavras-chave: Linguagem. Linguagem Privada. Wittgenstein.

Introdução

Em sua obra *Tractatus Lógico-philosophicus*, Wittgenstein utiliza da linguagem ordinária, sendo manifestada de uma forma “mística”. A linguagem equivale à vida, portanto, afirma que o objeto que o nome substitui na proposição com sentido é o que irá dar significado ao nome. Assim, a linguagem seria o conjunto de proposições com sentido (podendo ser verdadeiras e falsas). Sendo assim, Ludwig (WITTGENSTEIN, 1993), compreende que o mundo existiria pela linguagem. Portanto, tudo o que seria possível na linguagem seria possível no mundo, porque a forma lógica da linguagem seria a mesma forma lógica encontrada nas estruturas do mundo.

A partir do que já foi dito, e dos estudos realizados, se pode compreender que o mundo e linguagem seriam muito semelhantes para Wittgenstein (1993), e, desta forma, as limitações encontradas na linguagem passariam a ser as limitações do mundo também. Todas as proposições que não pudessem ser exibidas ostensivamente eram vistas como absurdas (*Unsinnig*) pelo filósofo, como por exemplo, o conceito de justiça, é algo que não pode ser definido ostensivamente, e isso faria dele um pseudo-problema, apenas um problema de

linguagem/representação dêitica e não um real problema filosófico.

Outro entendimento de Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas* (1889), se dá a partir da percepção de que a *teoria do significado* – o significado de um nome é o objeto (coisa) que o nome substitui na proposição com sentido – está ligada ao *mentalismo*, ou seja, ainda na visão agostiniana de linguagem essa estrutura estava presente. Segundo a visão agostiniana, o significado de uma palavra estaria em nossa mente, e o *ter em mente* corresponde a um processo interno do sujeito, sendo assim, seria como dizer que quando pensamos em um livro, internamente, definimos ostensivamente para a figura do livro que nos vem em mente.

1 Linguagem Privada

A *linguagem privada* seria possível para o solipsismo, haja visto que este compreende que: quando pensamos o significado do nome/coisa, este se decide na mente, sendo assim, de acordo com essa linha, seria possível existir algo que só eu pense, só eu saiba e só eu conheça. Entretanto, nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein (1889) afirma que o significado das palavras não se dá na mente, mas sim, diretamente no uso da linguagem, no cotidiano, ou seja, em cada contexto e situação ela pode ser empregada de maneira distinta, possibilitando um significado distinto, de acordo com o seu uso.

Nas *Investigações Filosóficas* (WITTGENSTEIN, 1889), trata-se especialmente dos *jogos de linguagem*. O filósofo percebe que não se pode reduzir a linguagem à visão agostiniana, que tem o *mentalismo* como base/essência onde a linguagem se realiza, este ancorado no solipsismo¹. Deste modo, percebe que a definição ostensiva descreveria pouquíssimas palavras, e, muitas vezes, apenas confundiria os significados. Para imaginar isso, podemos pensar aqui o que a virtude significa para alguém, entretanto, se apontarmos para algo, isso pode estar prejudicando a compreensão, ao invés de contribuir na significação do conceito, já que ele é muito mais amplo do que poderia ser representado por um objeto/coisa específica. Logo, Wittgenstein (1889) descreve que as pessoas compreendem os significados das palavras/proposições para muito além de somente a conexão mental descrita por Santo Agostinho (*Mentalismo*), as pessoas aprendem os significados utilizando a

¹ “Tese de que só eu existo e de que todos os outros entes (homens e coisas) são apenas ideias minhas” (ABBAGNANO, 2007, p. 918-919). Ancorado na perspectiva cartesiana, de que eu alcanço minhas verdades através da minha (e apenas minha) racionalidade. Só eu tenho; Só eu posso acessar; Só eu sei.

linguagem, cotidianamente.

A linguagem é como jogar um jogo. As regras de cada jogo são distintas, são de acordo com cada jogo. O que queremos dizer aqui é que, com a linguagem ocorre de um mesmo modo. Assim sendo, existem regras que determinam o uso da linguagem, sendo este uso distinto de uma situação e outra, de um contexto e outro.

Pode-se pensar o seguinte: quando usamos a palavra “bola” dentro de uma sala de aula, isso denota um sentido, quando em campo de futebol se pronuncia a palavra “bola” o sentido é entendido de outro modo. Se, nesse segundo caso, o jogador de futebol não compreender o significado da palavra “bola” e ficar parado no campo, olhando para o objeto e em seguida passar a descrever as características apenas usando a gramática superficial² (ex.: esfera, costurada, azul), instantaneamente este será substituído e perderá sua posição em campo, pois, as regras do jogo em questão, não pressupõem que os jogadores fiquem descrevendo as características dos objetos, mas sim, que estes ataquem o time oponente. O que acaba de ocorrer nesta suposta situação, é a mistura de dois jogos de linguagem. Jogos de linguagem podem ser jogados de maneiras distintas em lugares/momentos distintos. Portanto, num mesmo lugar, numa mesma situação, os jogadores devem estar aptos a dar lances semelhantes nos respectivos jogos.

Na linguagem, é seu uso que determina como as palavras serão utilizadas no cotidiano. Em outras palavras, as regras de linguagem são determinantes para o significado da palavra em seu uso. Um mesmo termo/palavra pode ser usado em diferentes contextos e em cada associação terá um significado. Na obra wittgensteiniana, *Investigações Filosóficas* (WITTGENSTEIN, 1889), não se deduz mais a estrutura e os limites correspondentes à linguagem por um viés lógico (como era feito no *TLP*), mas sim, se verifica através do seu uso, de seu emprego no cotidiano.

Tendo em mente que a verdade da proposição agora é verificada através da experiência do mundo real, o que determinará o significado dos jogos de linguagem é o uso, o contexto. A linguagem é determinante para podermos compreender a concepção da realidade. Dito isto, os jogos de linguagem só podem se dar em conjunto com outros indivíduos, é algo que não ocorre individualmente, como pressupõe que deveria ser na “linguagem privada”. Logo, diz-se então, que a linguagem é pública, assim como o mundo interior também é.

² Gramática superficial entendida aqui como a linguagem utilizada coloquialmente; enquanto que a gramática profunda, se refere à forma como é empregada a palavra, o contexto.

Segundo Wittgenstein (1889), a definição das palavras não vai mais estar ligada a um significado enraizado em um manual (dicionário), mas na forma em que a palavra é empregada no contexto em que a mesma for referida/citada. Portanto, a linguagem passa a ser entendida a partir do seu emprego, do seu uso cotidiano, e não mais com a questão de verdade e falsidade (teoria da bipolaridade), sendo assim, passa a ser necessário interpretar de acordo com cada situação que a linguagem é empregada. Deste modo, o significado da palavra é revisto em cada jogo de linguagem, de acordo com a forma que for empregada. A significação da palavra/termo não está no objeto real que o termo representa, muito menos no que a pessoa possa *ter em mente* (*mentalismo*), mas sim na situação em que duas pessoas estiverem fazendo uso do mesmo jogo de linguagem, no momento em que uma fala e a outra compreende o que foi dito e pode corresponder.

Para Wittgenstein (1889), uma linguagem privada é uma ilusão a ser pensada, e, neste espaço, também concordamos com o filósofo. Já que, só pode-se acessar o significado da palavra/conceito/termo através do uso, e numa linguagem privada, só teria acesso (privilegiado) o próprio sujeito, não sendo possível assim, o emprego/uso da linguagem cotidianamente.

Considerações Finais

A questão se responde exatamente a partir do que já foi mencionado anteriormente. Uma linguagem privada não tem a possibilidade efetiva de existir. Como completa Silvia Faustino:

A “linguagem privada” é uma ficção proveniente de uma concepção equivocada da gramática das proposições psicológicas na primeira pessoa do singular: a concepção de que tais proposições são usadas com a finalidade de representar estados, eventos ou processos internos (FAUSTINO, Silvia, 1995, p. 40).

A linguagem privada é uma linguagem inexistente, pois, nesta, o significado é algo interno. Só pode acessar o autor da linguagem. Silvia Faustino (1995) afirma ainda que: 1- não tem como considerarmos as nossas sensações como objetos; 2- um mesmo termo pode ser usado em diversas situações e assim ter significados distintos; e por fim, 3- as proposições não tem valor de verdade, mas sim valor de uso.

Os demais indivíduos podem até acessar os nomes ou os termos, mas jamais o que aquela palavra significa, pois é algo que foi desenvolvido internamente. O significado exato não pode ser suposto nem deduzido.

É por este fato que uma suposta “linguagem privada” não tem a possibilidade de existir. Pelo fato de que, o significado da linguagem só pode ser dado a partir do contato da linguagem com segundos e terceiros. A impressão de saber o que o termo significa, é diferente de saber o seu real significado. É importante retomar algo que foi dito anteriormente: que os jogos de linguagem só são possíveis em conjunto com demais indivíduos. Jogos de linguagem são jogados publicamente, e não de forma individual. Logo, o sentido das proposições está em cada lance usual, em cada contexto em que o termo é colocado, em cada situação que a palavra é agregada.

Para Wittgenstein (1889), uma proposição (sentença) precisa ter valor de verdade para que esta tenha um sentido, ou seja, ela precisa ser possível no espaço lógico. Enquanto que, para Frege (2009), para a sentença ter sentido, esta precisa poder ser compreendida, ou seja, não precisa-se afirmar o valor de verdade em determinados contextos, como exemplo ele cita as poesias, que não necessariamente possuem um valor de verdade, mas tem a possibilidade de ter sentido.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FAUSTINO, Silvia. Uma ficção gramatical chamada linguagem privada. In: _____. *Wittgenstein: O eu e sua gramática*. São Paulo-SP: Editora Ática, 1995. 37-58.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Editora Vozes, 1889.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Introdução de Bertrand Russell. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.